

EU A CANÇÃO: SEBASTIÃO ALBA, O POETA E SUA POESIA

I'M THE SONG: SEBASTIÃO ALBA, THE POET AND HIS POETRY.

Ana Maria Lange GOMES¹

Resumo: Sebastião Alba, pseudônimo de Dinis Albano Carneiro Gonçalves, nasceu em Portugal e mudou-se aos oito anos de idade para Moçambique. Na África, ele publica seus primeiros poemas, e por esse motivo é reconhecido como um poeta da literatura moçambicana. O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações sobre o autor e a obra, sobretudo destacando o diálogo do escritor com a música, em especial a Alba (canção provençal que culminava com a despedida dos dois amantes ao amanhecer), como temática e estrutura de composição poética. Esta menção ao universo musical reflete também a união íntima do escritor com a sua arte, na qual ele é a própria matéria da qual escreve, e, portanto, é a própria “canção”. Essa junção com a música alicerça uma recorrência de poemas metalinguísticos em seu conjunto literário.

Palavras-chave: Sebastião Alba. Poetas moçambicanos. literatura em língua portuguesa. Poesia. poesia e música.

Abstract: Sebastião Alba, Dinis Albano Carneiro Gonçalves's pseudonym, was born in Portugal and when he was eight moved to Mozambique. In Africa, he published his first poems, that's why is known as a Mozambican poet. This paper has the purpose submitted some observations about the author and his work, with special attention to the dialogue between the writer and the music, especially the “alba” (a kind of song that culminating in a farewell between two lovers at Sunrise), as theme and structure of his poetic composition. This mention of musical universe reflects in addition the connection between the writer and his art, of which he is himself the matter of his writing, therefore he is “the song”. This combination with music founds the repetition of metalinguistic poems in his literary collection.

Keywords: Sebastião Alba. Mozambican poets. African literatures in the Portuguese. Poetry. Poetry and music.

Introdução

*"Escrevo com terrível dificuldade: reescrevo, colo,
interpolo, publico um poema como quem o espelha.
Armo a oficina em qualquer parte, sem tabuleta que o
indique. Ninguém sabe, mas ali sua-se"*

Sebastião Alba

¹ Doutoranda em Literatura e Vida Social pela UNESP/Assis.

Dinis Albano Carneiro Gonçalves é o nome de batismo do escritor Sebastião Alba, que ao dia onze de março de 1940 nascia em Portugal na cidade de Braga. Mudou-se para Moçambique com oito anos de idade e foi lá que começou a sua carreira como escritor, sendo, por esse motivo e pelo seu engajamento com o país, considerado um poeta moçambicano e não português.

A vida de Sebastião Alba, o Dinis, foi marcadamente peculiar como sua obra. Em Moçambique publica seus primeiros textos, e passa a conviver com um importante grupo de escritores, intelectuais e figuras políticas, entre elas, Marcelino dos Santos, Rui Nogar, Sérgio Vieira, Honwana etc. Também chega a atuar como guerrilheiro, integrando, inclusive, a FRELIMO² (Frente de Libertação de Moçambique). Ainda no âmbito político, foi preso como desertor do exército português. Acompanhava sempre o conflito armado entre o Exército Português e a FRELIMO, e, após frequentar um curso de formação em Inhanbane, foi convidado para assumir o cargo de administrador da província da Zambézia. No entanto, desanimado, acabou por abandonar o cargo passado alguns meses, sem sequer pedir demissão.

Jornalista e poeta, Alba colaborou na Revista *Caliban*³, veículo que contribuiu para a divulgação da produção literária moçambicana. Para muitos é tido como um dos grandes nomes da poesia moçambicana, considerando a sua atuação política e envolvimento com o país, mas além das fronteiras é visto como um poeta de língua portuguesa e ainda mais longe, um poeta universal.

Seu pseudônimo de escritor teria surgido da união do nome de seus pais, Albano Moaz dos Santos Gonçalves, professor primário, e Adelaide Sebastiana Peixoto de Oliveira Carneiro, doméstica. O nome faz ainda uma menção a um estilo de cantiga provençal como o próprio escritor declarou: “Alba era uma canção provençal. Culminava com a despedida dos dois amantes ao amanhecer.” (ALBA, 1978). Esta menção ao universo musical e a esta temática do amanhecer/anoitecer vai nortear muitos dos poemas do autor, sendo significativo na interpretação de sua obra.

Quando se desilude com a situação política de Moçambique, decide regressar em 1983 a Portugal com a mulher Felisbela e suas duas filhas, Sonia e Neide. Em 1988, após um curto

² Fundada em 25 de junho de 1962 com o objetivo de lutar pela independência de Moçambique

³ Revista que divulgou grandes nomes da moderna poesia portuguesa. Teve seu início em 1971 e seu último número publicado em julho de 72 sob a coordenação de Rui Knopfli e António Quadros: “É nela que se encontra a mais diversificada produção literária de Moçambique – e não só – como uma espécie de mapa poético. [...] Os quatro números de *Caliban* sintetizam a riqueza poética moçambicana no instante que o confronto tornou-se tão agudo quanto irreversível.” (SOUZA E SILVA, 1996, p. 89)

período de estadia em Braga, separa-se de Felisbela, passando a fumar muito e a beber cada vez mais. Tentou por várias vezes a desintoxicação, mas, após estas tentativas, vai morar num abrigo por opção, perambulando pelas ruas sem endereço, dormindo aonde o acaso vai encontrando, banco de jardim, alpendre de igreja, praças etc.

Sebastião Alba, em 1996, escreveu a seu amigo, que também era poeta, Vergílio Alberto Vieira: “Fui longe de mais dentro de mim.”. O amigo Vergílio guardou os escritos que Alba lhe deixava na caixa de correio e declarou sobre o escritor: "Ele tinha a consciência de que o facto de ter enveredado pelo alcoolismo, de viver só e no submundo, era ir longe demais", e completa: "Nesta escolha, há uma imensa carga de contradição, de que ele era mais vítima do que sujeito". (apud. Lima, 2000, *online*)

Apesar deste modo andarilho de vida, e do alcoolismo, nunca deixa de escrever, publicando seus poemas com ajuda dos amigos. Como Maria de Santa Cruz (2003) escreve no prefácio *Prelúdio e Advertência* ao livro *Albas*:

Sebastião Alba, lajeando as sílabas, como umromeiro seguia pensando um poema novo, corrigindo os que “salvara” na memória durante anos, rasurando ou eliminando, em sucessivas versões. E, ao chegar a uma casa mais amiga, a primeira coisa que pedia era papel e “pena” – como ele continuava a dizer, apreciando-lhes a qualidade - para fixar o que os caminhos ínvios lhe haviam ditado em troca da solidão por que optara. (p.8)

Através da contribuição do poeta e amigo Herberto Helder, publica em 1996, *A noite dividida* pela Editora Assírio e Alvim, que tenta recuperar o conjunto de sua obra, embora incompleta. Referindo-se à edição deste livro, dizia Sebastião Alba o seguinte:

Dizem-me que a minha colectânea de poesias já está composta na Assirio&Alvim. Devo isso (e o subsídio) a grandes poetas portugueses vivos, como Herberto Helder, que só vi uma vez. Estão a preparar entrevistas. Não comparecerei. O meu despojamento é um processo de deseducação [...]. (2003, p.173)

Em 1997 ganha o prêmio de poesia ITF da cidade de Braga, que aceita. Sendo Sebastião Alba um homem materialmente desprendido, o dinheiro que aceita por ocasião do prêmio, 1500 contos, bem como os direitos de autor pelos livros editados tiveram por fim as suas duas filhas. Na ocasião do prêmio escreve a seu amigo Herberto Helder a quem tinha grande estima: “Herberto sei que recusaria o Prémio Nobel. É de uma coerência total. Perdoe-me por ter aceitado um pequeno prémio; as minhas filhas precisavam de dinheiro.” (ALBA, 2003, p. 229).

Em nota quase premonitória, deixa o bilhete, que foi encontrado com seu corpo, com os seguintes dizeres: “Se um dia encontrarem morto ‘o teu irmão Dinis’, o espólio será fácil de verificar: dois sapatos, a roupa do corpo e alguns papéis que a polícia não entenderá.”⁴ E na manhã de quatorze de outubro de 2000, Alba é atropelado mortalmente por um carro na cidade de Braga. O motorista fugiu do local:

Morreu sem identidade civil e tornou-se num problema para as autoridades. Finalmente, identificado e descoberto morto pelas filhas, rumou a Torre D. Chama, a terra dos pais. O vagabundo pôde por fim habitar a eterna morada do comum dos mortais; o poeta, esse, ainda anda por aí. (PINHEIRO, 2012, *online*⁵)

As obras publicadas do autor são: *Poesias* publicada em 1965, *O Ritmo do Presságio* de 1974, *A Noite Dividida* de 1982 e a título póstumo, publicada em 2000, a antologia *Uma Pedra ao lado da Evidência*, cujas provas ainda conseguiram ser revistas por Sebastião Alba.

O poeta e sua arte

“A Poesia foi, para mim, curso: de quando em vez, fazia abordagens.

Claro que trago comigo, como qualquer pirata que se preza, o mapa desse tesouro, onde ninguém o encontrará: na pala do olho direito — com o esquerdo, não sei porquê, vi sempre melhor.”

Sebastião Alba

Sebastião Alba foi um escritor que, embora pouco reconhecido por um público, foi muito aclamado entre poetas e escritores que viam nele um grande nome da poesia. Poetas como Rui Knopfli, Craveirinha e Vergílio Alberto Viera detectavam na poesia de Alba um estilo peculiar bem como o modo de vida do escritor. Controverso pela escolha de seu modo de vida despojado, optando por morar na rua como mendigo, Dinis Carneiro, O Alba, teve um reconhecimento público somente após o lançamento em Lisboa de *A Noite Dividida*. O presidente do júri do concurso que Sebastião ganhou em 1997, Vitor Manuel Aguiar e Silva, disse que a obra evidencia uma estatura merecedora de admiração e público reconhecimento.

⁴ Cf. FERNANDES FILHO, João Batista. *Sebastião Alba: O ritmo, a noite, o limite*. Salvador, 2017. p. 21-22

⁵ Disponível em Revista *Literata*: <http://revistaliteratas.blogspot.com/2012/10/editorial-47-da-humildade-do-escritor.html>

Para Rui Knopfli, autor também moçambicano:

A poesia de Sebastião Alba, a inusitada e desconcertante elegância do seu verbo, a sua sábia e lesta capacidade para vislumbrar a escorreição do bem pensado que rescende simultaneamente o aroma pungente a surpresa e do insólito, produzem, no mais atento dos leitores, ecos e ressonâncias, referências que constituem apanágio de muitos poetas. (1996, p. 5)

No posfácio do livro *O Ritmo do Presságio*, escrito pelo também poeta José Craveirinha em 1973, a poesia de Alba é descrita como:

[...] uma arte na própria arte. Nesta arte tão susceptível de variadas interpretações: uma arte especulativa e de que Sebastião Alba abusa no bom sentido de nos coagir a gostar dela, especulando com a nossa faminta disponibilidade em nos re-humanizarmos através da fruição de uma beleza tanto mais aliciante quanto mais ambígua na «virgindade civil» dos seus legítimos materiais: as palavras. E tanto mais poesia quanto mais ela — ambiciosamente — integra valores antigos, revalorizando-os com novas noções e anexações da comunidade das imagens; da grande comunidade das imagens destribalizadas. (p.111)

Acrescenta ainda, que, embora seja Sebastião Alba um poeta para muitos de um gênero não identificável, ele é um poeta, “pela liberdade libertada em Poesia.” (*id.*, p.112), que “assume com ela uma leveza, uma depuração, um linearismo de sintaxe que é a contensão do ritmo em que a sua poesia não exorbita de um estilo sóbrio.” (*id.*, p.112). Termina dizendo ser Alba um dos “grandiosos deuses humildes da palavra.” (*id.*, 1113)

Vergílio Alberto Vieira, por sua vez, resume que Sebastião escreve “com uma lucidez de cortar à faca.”. Nesta definição é possível recorrer ao poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, cuja poesia lembra a “secura do sertão” e que por vezes se utiliza da metáfora da faca para demonstrar esta ‘dureza’ já a partir do símbolo.

No Poema *Uma faca só Lâmina*, João Cabral relaciona à metáfora da faca o potencial inerente não utilizado, no caso de uma faca sem cabo “como a imagem da faca que só tivesse lâmina”. A imagem da faca contribui para ilustrar o processo de composição do poema, esses elementos, ao serem usados na metáfora, contribuem para a ilustração da proposta poética da dureza e da secura:

O que em todas as facas
é a melhor qualidade:
a agudeza feroz,
certa eletricidade,

mais a violência limpa
 que elas têm, tão exatas,
 o gosto do deserto,
 o estilo das facas. (MELO NETO, 1967, 168-169)

Por sua vez, Sebastião Alba escreveu um poema com o título *Palavras de Ponta e Mola*. Em uma possível leitura, esta ponta de que se fala remetaria a ‘lâmina’ de Cabral, ao passo que a mola indicaria o movimento “espiral ascendente” (ESCOREL, 2001, p.62) com o qual a poesia de João Cabral é classificada e que também se faz possível ao pensar na poesia de Alba.

Este movimento circular não se fecha, mas antes ascende. Com isso, a poesia de movimentos da própria linguagem vai explorando e retomando as imagens levando-as a um nível mais alto. Os signos vão se resignificando em cada verso, vão desfazendo e refazendo com a linguagem. Angélica Soares (1978) ao escrever sobre a poesia de Cabral de Melo Neto usou palavras que podem facilmente serem também aplicadas à obra de Sebastião Alba:

A transgressão lingüística decorre justamente da capacidade que tem o signo poético, movido pelo vigor da linguagem, de querer ser e não apenas significar. Assim ele se configura como um anti-signo e a ambigüidade se apresenta então, como a marca no texto poético da ação libertadora da linguagem. (SOARES, 1978, p.33)

O jogo dos símbolos e signos que tornam viva as palavras nas obras desses poetas, que com a dureza de uma faca, ‘anavalhavam’ a comodidade do leitor levando-o a reler a própria realidade sob a forma de poema.

Um dos traços do poeta moçambicano é ainda a sua musicalidade, que, como já se viu está presente, inclusive, em seu pseudônimo de artista. No livro *Albas*, 2003, descobre-se ainda que:

O Dinis (nome civil de Alba) tinha um ouvido excelente, uma ótima voz. Tocava os clássicos na sua harmónica, sempre de ouvido. Cantava canções mexicanas, napolitanas, da Andaluzia, e baladas de Coimbra. A sua vocação maior teria sido a música se não tivesse nascido e não fizesse parte de um país à mingua que desperdiça valores [...] (p.15)

Assim, a evidente conexão com a música, dada tanto na escolha de seu pseudônimo, quanto da própria prática musical, é ainda reforçada pelo título de um dos seus primeiros poemas: “Um dos primeiros poemas que escrevi tinha o título *Eu, a canção*.” (ALBA, 1978). Desta forma, pode-se pensar que, ao citar a música, o poeta esteja conduzindo o leitor a uma forma de

leitura estrutural de seus poemas, lembrando a intersecção de elementos na composição da obra musical, bem como do intuitivo com a razão.

Esta musicalidade apresenta-se em sua poesia, e lembra a intersecção de elementos. A música também pode ser lida como símbolo para as palavras instintivas que, unidas à razão, compõe o poema. Sebastião não acreditava em inspiração, mas em trabalho na escrita, em poesia construída pelo suor do labor em criar, reinventar e unir palavras. Aquilo que Craveirinha (1973) chamaria de “labor estético” (p.112) e que o próprio Alba deixaria ver em seu poema, “Escrevo com terrível dificuldade: reescrevo, colo, interpo [..] Ninguém sabe, mas ali sua-se.”

A imagem e presença da música ocorre em uma série de poemas do autor, em especial, no livro *O Ritmo do Presságio*, cuja escolha do poema-título já acusa a ocorrência. Há menções como por exemplo, “a única a que a constituição se refere numa clave de sol” em *Mais do que do Outro*; ou “com ardor legítimo do cântico” em *O Messias*. No poema *O que não se disse das Paisagens* há um trecho significativo no que concerne ao universo musical: “no teu colo; a flauta; o ouvido sobre a saia. /O que não se disse da (in) corpórea/música, se disse.” *Serenata* aparece como título de poema, o que nos remete também a ideia da música dos amantes e do anoitecer.

Em *Num Álbum* pode-se interpretar a música como imagem para a intuição na composição do poema como observa-se no último verso: “a uma longa suspeição de música”. Nesta temática, percebem-se esses elementos em *Certo de que voltas Canção*, citando esta espécie de inspiração de que se utiliza o poeta. Já em *Gênese*, o universo da música está representado no último verso: “Escutando bem/ouve-se como ao pé duma estátua/música parada.” E segue-se assim, uma gama de palavras ligadas ao universo da música ao longo do livro, como, “canto”, “viola”, “guitarra”, “som”, “sonoro” entre outras, reforçando com isso, a “musicalidade” do escritor.

Do mesmo modo, há no livro um número considerável de poemas a quem ele dedica a outras pessoas, em especial a colegas de profissão e familiares, construindo com isso, um jogo dialógico constante e recorrente na obra. Esses poemas localizam-se no livro *O Ritmo do Presságio*, em sua maioria, nas partes intituladas Livro II e Livro III. A título de exemplos, o poema *Subúrbio* é dedicado ao Rui Nogar e ao Zé Neto; *Ozornik* é dedicado a Eugenio Lisboa. Segue-se, então, com *As Mãos* oferecido a Antonio Quadros, *Ícaro* para o Zé Craveirinha, *Último Poema* ao Jorge Viegas, *Como os outros* ao Rui Knopfli, entre outros. Há ainda poemas dedicados a seu pai, sua mãe e outros membros da família⁶.

⁶ Cf. em FERNADES FILHOS, João Batista. *Sebastião Alba: o ritmo, a noite, o limite*. Salvador: 2017, p.75: “Entre família e amigos, alguns de nós somos tratados por diminutivos. Assim, deixo-te esses nomes, para saberes a quem ele se referia. Quanto aos irmãos, o Jorge é tratado por Cheina ou Mané, o António por Anton ou Toni, eu sou a

Sendo, então, um poeta de costumeiras dedicatórias, recebeu também uma do poeta Glória de Sant'Anna na ocasião da morte de Alba:

CANTIGA DE AMIGO

ao Sebastião Alba

bateu ao portão um dia
bateu ao portão
abri-lho

vinha da estrela do norte
bebendo copos de vinho

dançou batuque na sala
(vestia como um mendigo)

disse versos disse prosas
do mais longe tempo antigo

chorou de mágoas passadas
cantou versos repartidos

dançou batuque na sala
vestido como um mendigo
e chorando sobre sonhos
e ao mesmo tempo sorrindo

disse adeus
adeus
adeus
e caiu adormecido. (2003, *online*⁷)

Nota-se no poema, menções ao estilo de vida que o poeta adotou nos últimos anos: “bebendo copos de vinho”, completada, mais adiante, com uma observação que aparece entre parêntesis: “(vestia como um mendigo)”. Esta mesma observação vai ser repetida em outro verso, só que desta vez compondo a estrofe, sem vir separada por parêntesis. Percebe-se que Glória não disse que Alba era mendigo, mas que se vestia como um. Ao fazer esta comparação do vestir-se e não do ser, constata a transitoriedade da forma física e a superficialidade das aparências. Alba era um poeta, que se vestia como um mendigo, mas sua essência era o de ser poeta. O poema dedicado a Alba termina com a sua morte, bem como sua vida de vestir-se, mas não a sua obra.

Tina e ainda temos outro irmão em Moçambique que é o João. As filhas são a Sonia e a Neide. A esposa é a Felisbela ou Felis. A madrinha era uma tia nossa, irmã mais velha do pai, que viveu sempre em trás os montes (Torre de D. Chama) onde está sepultado o Dinis.”

⁷ Disponível em: <http://www.macua.org/livros/sebalba.html>

Há uma série de ‘adeus’ que sugere uma escada para a descida culminando no ‘caiu dormindo’. E se dorme, estará desperto a cada linha de seu poema lido, a cada novo leitor que se incomode com as palavras e versos deste que se vestia de mendigo, mas como já disse Craveirinha, foi um dos deuses da palavra.

A canção de que se falou: poemas escolhidos de Sebastião Alba.

Os poemas selecionados foram retirados do livro *O Ritmo do Presságio* de 1974, para, ao se deter em um livro apenas, encontrar possíveis correspondências entre temáticas, léxico e traços estilísticos dentro de um conjunto composicional. Como já citado, o livro compõe-se de variadas referências musicais e de poemas dedicados.

Antecedendo a análise dos poemas, expõe-se uma abordagem genérica do livro, a começar pelas temáticas. Destaca-se uma série de poemas metalinguísticos que corroboram para a compreensão da forma de escrita de Sebastião, bem como sua percepção do que é poesia. Entre esses poemas estão: *O Ritmo do Presságio* (que dá título a obra), *Palavras de ponta e Mola* e *Escrevo*.

Principia-se a discussão com o título do livro, em consequência de sua representatividade para a obra, nomeando-a ao mesmo tempo que nomeia um poema do conjunto. Parte-se, pois, da compreensão da palavra ritmo, que, como já se viu, pertence à classe dos vocábulos remetentes à música, além disso, também está presente na própria poesia, já que é uma de suas marcas, a que lhe aproxima da música. Sabe-se que inicialmente a origem da poesia era cantada e o que restou daqueles versos que uniam canção e letra foi justamente o ritmo.

Consta no dicionário que ritmo é “a sucessão periódica e regular de fases ou variações, no curso de algum processo, bem como ordenamento de sons musicais percebido ou considerado segundo as diferenças de acentuação e de duração de cada um deles”. A partir desta observação, percebe-se que ritmo define bem o livro, visto que, além de relacionar ao universo musical, apresenta um traço inerente ao próprio poema e assim antecipa o caráter metalinguístico de muitos outros dentro da obra. Ritmo ainda instiga pensar no processo de composição da poesia, assim como o movimento da linguagem dentro dessa arte.

E se ritmo é movimento, pode-se ainda o relacionar com um léxico ligado a esta ideia no interior do livro. Em *D. Quixote*, poema dedicado ao pai, tem-se o *moinho*, imagem da movimentação pelos ventos, em *Circulamos Embolsados* a ideia de *circulamos* remete ao movimento circular, em *Vacilando* é o vaivém indeciso e inseguro do bêbado que aparece, ao passo que em *Lúgubre sou* claramente tem-se o processo ativo com a conjugação verbal *Movo-me*. Esta imagem

vai acompanhando a leitura dos poemas, e, portanto, não é possível deixar de considerá-la ao ler e entender o título da obra. O escritor mexicano Octavio Paz (2011) escreveu sobre o ritmo:

[...] O ritmo provoca uma expectativa, suscita um anseio. Se é interrompido, sentimos um choque. Algo se rompeu. Se continua, esperamos algo que não conseguimos dar nome. O ritmo engendra em nós uma disposição de ânimo que só poderá se acalmar quando sobrevier esse “algo mais”. Nos coloca em atitude de espera. Sentimos que o ritmo é um ir em direção a algo, embora não saibamos o que pode ser esse algo. Todo ritmo é sentido de alguma coisa. Assim, o ritmo não é exclusivamente uma medida vazia de conteúdo, mas uma direção, um sentido. O ritmo não é medida, mas tempo original. A medida não é tempo, mas modo de calculá-lo (p.56-57)

Destas reflexões, é possível relacionar com a obra albaniana a noção de expectativa, espera e direção em uma antecipação a sua composição literária que o conceito de ritmo imprime. Assim, o vocábulo traduz-se, em termos de construção literária estrutural ou de conteúdo, em processo.

Sucedendo o *ritmo* tem-se, então, presente na formação titular, o *presságio*. No dicionário, essa palavra aparece como sendo “fato que prenuncia o futuro, agouro”. Se for entendida por aquilo que prenuncia algo, então, não é possível começar a leitura sem que se pense que algo está antevisto ou premeditado. Em conjunto com a ideia de ritmo como esperar uma direção, o presságio reafirma que há um caminho, suscita-se uma perspectiva.

Outro elemento relevante na construção poética do Dinis e que dialoga diretamente com a musicalidade é a canção provençal *Alba*. Essa presença verifica-se na obra do escritor pelo par amanhecer/ anoitecer. A passagem da noite para o dia que separava amantes era temática da Alba, e do Alba. A menção é bem clara no título de dois poemas, um *Amanhecer*, o outro *Anoitecer*. Mas não é somente nos dois poemas que a Alba é mencionada, no decorrer de outros esse jogo também aparece: “do horizonte ainda escurecendo”.

Outro par de interesse a Alba é o da luz e de sua ausência, quase sempre encontrado sob o signo das sombras. Essa ideia está presente também em vocábulos como, sol, *noite*, *neblina*, *nocturno*, *obscuridade*, *fogueira*, *vultos*, *iluminam*, *clara*, entre outros. A maior incidência é o das sombras, aparecendo em aproximadamente onze poemas e a luz, que por sua vez aparece em treze poemas do livro.

Uma mistura de sacro e religioso também é notada na poesia albaniana. Dentro desse universo algumas palavras são utilizadas, tais como: *santidade*, *terços*, *catedral*, *cén*, *cultos*, *místico*, *cardeais*, *bruxo*, *feiticeiro*, *mistério* e trechos como: “É ou não o último/vôo bíblico da pomba?” do poema *Último poema* dedicado ao Jorge Viegas. Aproveitando a imagem da pomba, esta também

aparece em diversas ocasiões ao longo dos poemas, como, por exemplo, a pomba de Picasso: “no bolso de Picasso/ uma pomba de bico florido” no poema *Circulamos Embolsados*, bem como a figura de outros animais como o leão, a águia, a hiena, formiga, gazela entre outros.

Outra imagem que é presumível nos poemas é a do anjo torto como em Drummond. A propósito, Drummond é um poeta citado por Sebastião, primeiro em uma epígrafe do livro: “As coisas. Que triste as coisas consideradas sem ênfase”, e mais adiante em um poema intitulado *Cidade Baixa* nos versos: “Peço então ajuda aos amigos mais descontraídos: Socorro, Eugênio! Socorro, Fernando! Carlos (Drummond), socorro!”. Sendo assim, é crível evocar o anjo torto de Drummond dos versos de *Poema de sete faces*: “Quando nasci um anjo torto/desses que vivem na sombra/ disse: “Vai, Carlos! Ser gauche na vida.”. Em Alba, esse querubim aparece nos poemas *Certo de que voltas canção* nos versos: “Sei, por sinais e anjos desviados, /que rebentas dos sonhos desolados/em flores no chão.”, e em *Um anjo erra*, como destaque aos versos: “Um anjo erra/nos teus olhos diurnos.”

Assim como a música carece de diversos elementos para se compor, como ritmo, palavra, melodia, por exemplo, assim também Alba dialoga com outras artes e com outros artistas estabelecendo uma interessante intertextualidade, como vista no caso do anjo de Drummond. Há um poema com o título *O Velho e o mar de Hemingway*, numa clara alusão ao livro deste autor. Também há um para Picasso: *Na morte de Picasso*. Esse artista, que já apareceu em outro poema ao mencionar a imagem da pomba como já visto anteriormente, ganha agora um poema para si. A ligação interartes e “interartistas” é relevante, visto que Sebastião Alba é um escritor sensorial, ou seja, ele gosta de misturar os sentidos para uma amplitude de sentimentos como nota-se nos versos: “Uma nuvem de flechas/de luz, criva o biombo [...] Cada sílaba ardeu, como um resquício que vá/num rio suspenso [...] e o som que sobe, inundando-o,/ o desapegue da face.”

Segue-se agora com a análise mais pormenorizada de alguns poemas selecionados, a iniciar com aquele que nomeia o livro:

O RITMO DO PRESSÁGIO

A tinta das canetas
 refluí de antipatia
 e impregnadas, assíduas
 cambam as borrachas
 Não há fita de máquina
 que o uso não esmague
 o vaivém não ameace
 de dessorar os textos
 Mas a grafia nada diz
 de pausas na cabeça

Vozes inarticuladas
 adensam, durante ela
 uma áfona tempestade
 E nubladas carregam-se
 as suspensões
 encadeando em nós
 o ritmo do presságio. (ALBA, 1981, p.17)

O refluir aqui sugere o líquido das tintas e seu movimento de *chegar-se de antipatia*, ou voltar sempre à antipatia, porque impregnadas e sempre frequentes, elas se unem a borracha, ou seja, são excluídas ou merecem sê-las.

Numa provável leitura, o poema indicaria uma tensão existente entre o ritmo, a impulsão original ou musical para a escrita, e o labor na escrita do poema. Neste sentido, nota-se que, depois de pronto, o poema nada mostra daquele ímpeto inicial que provocou a escrita: “Mas a grafia nada diz/de pausas na cabeça”. O impulso primeiro é aproximado de *tempestade* e o que é *nebuloso*, levando pensar que, para o escritor, se a inspiração não passar por um processo de decantação, escolha, trabalho, nada poderá dizer de concreto, visto que será como *sombra* pela qual não se pode ver direito. *O Ritmo do Presságio* pode ser entendido, portanto, como o impulso original que “prenuncia” a feitura do poema. Ele que vai nos dizer que um poema está vindo, mas sem o labor, o trabalho das “tintas das canetas”, este poema também não existiria.

Outro poema no qual a dualidade entre a inspiração e o fazer literário se faz presente, e que acima se utilizou para comparar ao poema de João Cabral de Melo Neto, é o próximo a ser analisado:

PALAVRAS DE PONTA E MOLA

Palavras de ponta e mola
 que anavalham
 as roçagantes capas
 de velhos mestres
 de grácil esgrima
 oleadas lâminas
 nos umbrais dos becos
 rasgando rápidas
 a embuçada humanidade
 de quem passa
 sórdidas, surtas
 a reflectir o âmago
 das sombras
 Navalhas que alvejam
 fantasmas de forasteiros
 em busca de más mulheres
 com terços taciturnos
 Ruelas em roda

Pedras de periferia
Sevilhanas palavras
de ponta e mola. (ALBA, 1981, p. 23)

Aqui as palavras são duras e movimentam-se em espiral. A dureza da ponta é reforçada pelos signos, *anavalham, esgrima, lâminas, rasgando, navalhas*. Há também um jogo no ritmo das palavras pela repetição, *rasgando rápidas, sórdidas surtas, fantasmas forasteiros, terços taciturnos, ruelas em roda e pedras de periferia*, sugerindo dureza, e o movimento, são estas as próprias palavras de *ponta e mola*.

Sublinha-se ainda, de que forma esta poesia pretende romper com tudo o que pode condicionar o ser a um sistema já conhecido e desgastado, rompendo assim com os *velhos mestres* e fazendo surgir a original e despojada poesia de Alba. Estas palavras querem *rasgar, navalhar* e assim *alvejar* o antigo a fim de se destituir dos luxos e ornamentos na escrita. A ponta pode ainda ser lida como extremidade, princípio e fim, e assim, este “princípio” e “fim” seriam entendidos, dentro deste contexto, pela forma de origem da feitura do poema e de seu fim como poesia.

O próximo poema a ser analisado também, assim como *O Ritmo do presságio*, está inserido na primeira parte do livro:

CIRCULAMOS EMBOLSADOS

Circulamos embolsados
em automóveis de luxo

Nas portas surdas
os fechos
são linhas a níquel a traçar o limite
dos peões ocasionais

O espaldar desune
anula o solavanco
reduz a área exposta

Esguichos lavam
pára-brisas que a gargalhada abaúla
Clareiam as estradas

Só o retrovisor
lembra o caminho andado
a um olho reflectindo
de quem guia

Trêmulo o chassis
pressagia
as roturas
os sulcos dos freios

a divulgação do desastre

Mas real e criada
no bolso de Picasso
uma pomba de bico florido
suja por inocência os tejadilhos (ALBA, 1981, p.19-20)

Partindo do título, tem-se uma multiplicidade de significados em *circulamos*. Segundo consta no dicionário Aurélio, circular pode ser “renovar ou propagar ar, relativo à necessidade vital (circulação)” e ainda “movimento contínuo, marcha, andar em círculos voltando sempre ao ponto de partida”. *Embolsados*, por sua vez, significa, “meter na bolsa, entrar na conta de receber e pagar o que se deve a alguém”. Com essas ideias em mente, pode-se principiar a reflexão dos primeiros versos: “*Circulamos embolsados/em automóveis de luxo.*” O tema é introduzido, o automóvel. Sabe-se que Alba não simpatizava muito com os automóveis e preferia geralmente os trens. Ironicamente o escritor moçambicano foi morto por automóvel. *Circulamos embolsados*, portanto, pode sugerir além do movimento natural que conduz o carro, e da necessidade que este meio de transporte se faz nas nossas vidas, uma sugestão de estar-se sempre regressando ao mesmo ponto. Mas não somente *circulamos*, “*circulamos embolsados*”, *endividados*, mas em carros de luxo, entra-se em um sistema de exibição, materialidades e aparências. Não basta andar num carro, é preciso circular com ele, mostrar, mesmo que isto não leva a ponto nenhum, ou leve ao ponto do qual se partiu.

O poema segue com uma série de imagens de partes do automóvel como, *para-brisas*, *retrovisor*, *chassis* e *freios*. Mas os elementos não são escolhidos aleatoriamente. Cada imagem remete a significados explorados no texto. Por exemplo, o *para-brisas* é o que desembaça a visão, permite enxergar melhor, o *retrovisor* permite enxergar o que vem de trás, o *chassis* sustenta a estrutura e os *freios* são responsáveis pela parada do veículo.

A segunda estrofe trata do dinheiro, sendo esse possivelmente o que separa uma pessoa em um automóvel de uma que precisa ir a pé: “são linhas a níquel a traçar o limite/dos peões ocasionais”. O níquel aqui pode ser entendido pelo dinheiro por ser a matéria prima das moedas, e peões podem ser entendidos por aqueles sem o carro, já que consta no dicionário para esta palavra “homem que anda a pé”.

As duas estrofes seguintes a essa apresentam, nesta ordem, do que vem de trás *espaldar* e do que vem à frente *para-brisas*. O retrovisor é aquele que vai lembrar o caminho ao *guia*, permite ainda enxergar atrás. Ao *chassis* fica a função de pressagiar o desastre.

O poema termina com a pomba de Picasso, usada para simbolizar a paz, “sujando por inocência os tejadilhos”. O que vem do alto, o que é superior, vence por fim o luxo do automóvel. A paz supera a riqueza.

Considerações finais

Conferiu-se ao longo deste trabalho, de que forma artista e obra se interpõe, e assim de que forma se realiza parte da composição estética da poesia de Sebastião Alba. Encontram-se elementos de intertextualidades, menções ao universo musical e até diálogo com alguns escritores brasileiros como Drummond, através de um poema, na epígrafe e na citação do anjo torto, bem como a possível comparação com a faca de João Cabral de Melo Neto. Descobriu-se também, um pouco da biografia do escritor, contanto com recursos escassos de informações. A vida de Alba inspira pensar no despojamento do ser e na ausência de materialidades. A essência do ser é relevada como o mais superior em suas obras. Assim também a obra poética de autor é despojada de luxos, musas, lirismo, encontrando-se com a dureza da faca, a simplicidade dos signos que se reinventam e a riqueza das simbologias convertidas em “linguagem libertada em poesia”. Como declarou o próprio poeta em um documentário produzido por Zenito Weyl⁸: “Não gosto de papel higiênico cor de rosa”, ao referir-se a poesia lírica.

Neste mesmo documentário, Alba ainda declarou sobre a poesia: “Não sei o que é. Nunca soube e nunca saberei. Hei de morrer sem saber o que isto é.”. Mas talvez, seja ele, a própria poesia de que fala e, no entanto, a compreende sem mesmo nunca entender. Talvez ao destituir-se do corpo e das materialidades tenha vivenciado a mais autêntica poesia da vida que se possa experimentar. E como aparece ao fim do documentário com relação à obra deste escritor: “A sua obra está para além das materialidades. Dinis não era homem feito só de barro. Havia nele outras naturezas. E divindades.”.

Desta forma, o poeta trazia em sua obra especificidades peculiares que só a ele mesmo poderia convir, como só a ele as estrelas formavam seu teto e os bancos, sua cama. E por isso, supera as fronteiras geográficas, não sendo somente um poeta moçambicano ou português, bem como supera a fronteira da língua, sendo mais do que um poeta de língua portuguesa, mas um poeta de linguagem universal.

Referências

⁸ O minidocumentário está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9Hd3c-UTX4> “Um poeta não se pega” – por Francisco Weyl.

ALBA, Sebastião. *O Ritmo do Presságio*. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____. *Albas*. Edições Quase, 2003.

_____. *A noite dividida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COSTA, Luís. *Sebastião Alba ou o poeta total*. Disponível em: http://www.revistazunai.com/ensaios/luis_costa_poetatotal.htm. Acesso em: 22 julho 2019.

CRAVEIRINHA, José. Posfácio In: *O Ritmo do Presságio*. Lisboa: Edições 70, 1973.

ESCOREL, Lauro. *A pedra e o rio – Uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FERNANDES FILHO, João Batista. *Sebastião Alba: o ritmo, a noite, o limite*. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

KNOFI, Rui. Prefácio. In: *A noite dividida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

LEITE, Ricardo. *A busca da sacralidade*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&v=NGRAe96nJA8. Acesso em: 21 jun. 2019

LIMA, Teresa. *O poeta que viveu na rua*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2000/10/22/jornal/o-poeta-que-viveu-na-rua-150307>. Acesso em: 15 maio 2019.

MELO NETO, João Cabral. *Poesias completas: 1940-1965*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

PINHEIRO, Fernando. O poeta Vagabundo, Sebastião Alba. In: *Literatas: Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona*. Disponível em: <http://revistaliteratas.blogspot.com/2012/10/editorial-47-da-humildade-do-escritor.html>

PITTA, Eduardo. A noite dividida, de Sebastião Alba. In: *Revista Colóquio/Letras*, n.153/154, Jul. 1999, pp. 314-316. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=153&p=314&o=>. Acesso em: 10 de agosto de 20110.

SOARES, Angélica Maria Santos. *O poema, construção às avessas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1978.

SOUZA E SILVA, Manoel de. *Do alheio ao próprio: A poesia em Moçambique*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Goiânia: Editora da UFG, 1996.

CLARA BOIA, *Jacarezinho/PR*, n.14, p. 167-183, jul./dez., 2020. ISSN: 2357-9234.

WEYL, Francisco. *Um poeta não se pega*. 2000 (11m15s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9Hd3c-UTX4&t=31s>. Acesso em: 25 jun. 2019.

Recebido em: 29/8/2019

Aprovado em: 8/10/2019